



A História de Joaçaba Através dos Retratos de Família¹

Arnaldo Telles Ferreira²

Jocieli Paula da Luz³

Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, SC

RESUMO

Fotografar é efetivar um corte de algo que jamais se reproduzirá novamente no processo natural, é um modo de comunicar e de informar. Por meio da objetiva, o fotógrafo reproduz o que sente sobre determinado assunto. A fotografia auxilia nas descrições do cidadão comum, e em pesquisas de cunho científico-tecnológicas e se complementa em diversas formas de expressões artísticas. Fotografar é uma maneira de ver o passado. A fotografia contém informações relevantes sobre a história humana e transmite de maneira que linguagem oral ou textual não conseguiria. Por meio dos documentos iconográficos, neste caso, os álbuns de fotografia, interessam pelas informações sobre a história do município de Joaçaba, no estado de Santa Catarina, que ainda não foram socializadas e/ou publicadas para a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; História, Sociedade.

HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

Com a Revolução Industrial ocorrida entre os séculos XVIII e XIX, na Idade Moderna, várias mudanças tecnológicas surgem neste contexto, dentre elas a fotografia. Segundo Sousa (2004, p. 24) e Kossoy (1989, p.14) a fotografia aparece nesse ambiente positivista como uma forma de expressão artística, provocando uma readaptação do cenário artístico e, também como um meio de informação que auxilia em pesquisas, modificando a maneira de a humanidade observar a si própria e o mundo.

A fotografia se populariza, a partir de 1860, devida a ascensão da classe

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012. Projeto de Iniciação Científica da Chamada Pública 001/SED/2011.

² Orientador do Projeto de Pesquisa e Professor de Fotografia e Fotojornalismo do curso de Comunicação Social: Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Email: arnaldo.ferreira@unoesc.edu.br

³ Bolsista de Iniciação Científica da Chamada Pública 001/SED/2011. Acadêmica da 7ª fase do curso de Comunicação Social: Jornalismo. Email: jo.paula@hotmail.com



burguesa, como salienta Kossoy (1989, p.15) na época, mandar fazer um retrato era um meio simbólico, pelo qual se manifestava o poder de status social. A fotografia, portanto colaborou na projeção social desta nova classe e, por consequência adquiriu aprimoramentos técnicos. No começo a fotografia recebia contribuições dos fotógrafos que em muitos casos eram também pintores. Sousa, (2004, p. 24) comenta que por estarem no campo das artes, alguns acreditavam que a fotografia era uma extensão da pintura e esta por sua vez seria substituída pela primeira. Contudo, nem a fotografia nem a pintura desapareceram ambas continuam a exercer seu papel no cenário artístico atual.

A fotografia passa a documentar toda e qualquer expressão cultural dos povos, tudo o que está associado à vida humana e/ou com suas relações sociais é captado pela câmara, permanecendo eternizados em uma imagem, podendo ser revistos por meio das fotografias momentos os quais presenciamos e até mesmos aqueles que não tivemos a oportunidade de presenciar.

Sobre a importância da fotografia na vida humana, Kossoy (1989, p.15) “O mundo tornou-se de certa forma ‘familiar’ após o advento da fotografia: o homem passou a ter conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica”.

Como destaca Santaella e Nöth (1999, p. 123) o marco da fotografia foi a multiplicação infinita de cópias a partir do negativo.

Sousa (2004, p.18) menciona que no século XX surgiu a fotografia única, devido à utilização do flash de magnésio, que quando queimado liberava um cheiro nauseante, o que impedia a realização de mais uma foto por assunto, além de causar o afastamento das pessoas. Portanto a fotografia única surgiu como signo condensado, nela teria que haver diversos elementos significativos fáceis de identificar e de compreender.

Nesta época as pessoas valorizavam as fotografias pelo seu valor noticioso. Sousa (2004, p.18) menciona em seu livro um apontamento de Hick, que no início, as pessoas paravam, se ajeitavam, olhava para a câmara, o fotógrafo dominava a cena a ser reproduzida na fotografia. Atualmente se constata o inverso, as pessoas mostram certo domínio sobre a fotografia, pois preferem serem fotografadas naturalmente, sem posarem para a câmara, se valoriza o espontâneo e o instantâneo, uma mudança na questão histórica e cultural.

Segundo Sousa (2004, p.18) somente a partir do século XIX que a fotografia começa a ser valorizada, com o aparecimento do primeiro tabloide fotográfico e, com os jornais e revistas editando fotografias.



Dentro no contexto histórico da fotografia, surge o fotojornalismo. No início do fotojornalismo para conseguir uma boa fotografia era preciso muita dedicação, devido aos equipamentos para efetuar o trabalho, pois alguns eram grandes, por exemplo, os tripés, e a resultado desde a captação até o produto final era bastante lento. Sousa (2004, p. 75,191) aponta que devido a isso era quase impossível de obter várias fotos sobre o mesmo tema, inicia assim, o fotojornalismo de instante, mais tarde classificado como o “momento decisivo” por Cartier Bresson. Em contradição a Capa e Cartier Bresson, Sebastião Salgado (Fotógrafo brasileiro) declara nos anos 30 - época do auge da fotografia no mundo - que para ele não há momentos decisivos, apenas, “vidas decisivas, com toda a sua cultura e toda a sua ideologia”.

A guerra foi também, um acontecimento que não passou despercebido pela lente do fotógrafo, muitos foram os conflitos armados divulgados por este meio, como no caso da 1ª e da 2ª Guerra Mundial. Apontado por Sousa (2004, p. 33, 81) a guerra também prejudicou de certa maneira o fotojornalismo. Após a chegada de Hitler ao poder em 1933, várias perseguições correram, algumas direcionadas aos jornalistas alemães contrários ao poder regente. Estes para não serem presos e/ou mortos, se refugiaram em outros países europeus, entre os quais França e Reino Unido, sendo que alguns emigraram para os Estados Unidos da América, levando consigo as ideias do fotojornalismo alemão.

A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA

A linguagem fotográfica incide em empregar em uma imagem particularizes que despertem interesse naqueles que a olhem. Desde a utilização de um enquadramento, de uma cor, de uma textura, dão vida a um fragmento estático.

Para Leite (2003) saber ler, distinguir detalhes do todo de uma fotografia, faz com que algo que não possuía valor anteriormente, passa a ser interessante, a ter vida. Não deixamos com que detalhes passem despercebidos, mas minuciosamente a contemplamos, estudamos seus detalhes, suas marcas, pois uma fotografia não é um acaso, é um registro de algo, de uma vida, de um tempo, que perdura num fragmento para ser visto.

Segundo Kossoy (1989, p. 33) um trabalho fotográfico possui vida própria, nele podemos identificar definições e expressão de quem o realizou. O fotógrafo deve ter ou estar consciente que a ação de fotografar não é somente um disparo para uma captação



de imagens, mas é um registro, de sua visão, de sua opinião e de seu anseio sobre as coisas, sobre o mundo. Que revela também seu perfil profissional, a maneira de se posicionar perante o assunto a ser retratado, demonstrando sua pretensão com essa fotografia.

Sobre a expressão do perfil do fotógrafo por meio das fotografias. De acordo com Gaunt (1980, p.23):

Você estará expressando seu interesse próprio, e nenhum homem é tão isolado que seu interesse genuíno não possa ser compartilhado. Não importa se estiver tentando transmitir impressões em vez de reproduzir acontecimentos; se você estiver realmente interessado no assunto em vez de enrolado na criação de algo diferente, acabará despertando o interesse dos outros.

Fotografia não é simplesmente retratar algum tema. É preciso apresentar por meio das fotografias algo que cativa e mostre a nossa capacidade e dedicação a essa arte.

Sobre a relação fotógrafo e fotografia Dondis (1997, p.31) salienta que “o resultado final é a verdadeira manifestação do artista. O significado, porém, depende da resposta do espectador, que também a modifica e interpreta através da rede de seus critérios subjetivo”.

Para a produção de uma fotográfica, o fotógrafo recorre a diferentes habilidades. Como define Adams (2006, p.17) “O termo ‘visualização’, refere-se a um completo processo emocional e mental de criação de uma fotografia e, como tal, constitui um dos mais importantes conceitos dessa arte”.

Dondis (1997, p.14, 21) menciona que visualizar é a capacidade de formar imagens mentalmente. Através dela podemos imaginar lugares apenas por referências. Percorremos caminhos sem darmos um passo à frente. Criamos a visão de algo, sem nunca termos o visto antes. Através de uma imagem revivemos mentalmente um momento.

Entre os elementos conferidos à fotografia, segundo Sousa (2002, p. 75) pode mencionar o texto, a pose, a presença de determinados objetos, o embelezamento, etc. Dentre os elementos específicos da linguagem fotográfica, temos planos – corte e enquadramento, foco, espaço, ângulo, cor, textura iluminação, profundidade de campo, etc.



O fotógrafo precisa saber manejar o equipamento que está utilizando para captá-la a imagem pretendida. Como argumenta Adams (2006, p.87), no entanto, ao discutir questões mecânicas e ópticas, não devemos perder de vista a importância muito maior do conteúdo – emocional estético ou literal- da imagem.

Santaella e Noth (1999, p.15,131) afirmam que além da intenção do fotógrafo, dos elementos técnicos e da linguagem fotográfica, a fotografia por ser um objeto que representa algo, é um signo, pois signos estão presentes para representar alguma coisa, no caso da fotografia, o nosso ambiente visual. O que está registrado em uma fotografia constitui apenas em uma representação de uma realidade, é uma cópia de algo, ou seja, ela pode representar objetos, pessoas, animais, lugares, enfim tudo o que estiver de alcance da objetiva, porém não é o seu real.

A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO

A primeira maneira que a humanidade teve de se comunicar foi através do som (murmúrios), pois ainda não havia uma organização da linguagem oral, ou seja, da fala.

A primeira forma de registro pode-se mencionar as da Pré-História. Conforme Lopes (2009) a humanidade buscou se comunicar através de desenhos (pintura rupestre) feitos nas paredes das cavernas, que retratavam o cotidiano dos indivíduos, sua aparência, suas habilidades no cultivo, caça e pesca etc. Juntamente com esses desenhos, os objetos confeccionados pelas tribos existentes neste período, também mostram a cultura e o seu desenvolvimento e contribuem para a história da humanidade.

Mencionado por Lopes (2009) a escrita foi criada e elaborada na antiga Mesopotâmia. Tendo contribuições dos povos sumérios, egípcios e romano. Muitas foram às contribuições ao longo da história. Esses registros deixados pelas civilizações anteriores demonstram a necessidade de que esses tinham de deixar seu legado para gerações futuras. Essas formas de comunicação são importantes para o resgate histórico, para a compreensão e o conhecimento da história da humanidade.

No século XIX, com a Revolução Industrial várias invenções surgem, modificando o contexto sócio econômico cultural da época, dentre estas a fotografia.

Ao se referir sobre a fotografia Barthes (1984, p.31) afirma “Vejo fotos por toda a parte, como todo mundo hoje em dia; elas vêm do mundo para mim, sem que eu peça; não passam de ‘imagens’, seu modo de aparição é o tudo-o-que-vier (ou tudo-o-que-for)”.



A fotografia no início foi considerada arte, sendo utilizada em forma de pintura. Sobre a utilização da fotografia como um meio de informação, Sousa (2004, p.25) aponta que “Mais rigorosamente, a fotografia, entra para a história da informação, desde, provavelmente, 1842”.

A fotografia propiciou outras possibilidades, “[...] de autoconhecimento e recordação, de criação artística (e, portanto da ampliação dos horizontes da arte), de documentação e denúncia graças a sua natureza testemunhal [...]. A história, contudo ganha um novo documento: uma verdadeira revolução estava a caminho.” (KOSSOY, 1989, p 16).

Kossoy (1989, p.18) argumenta que mesmo sendo considerado um meio de conhecimento e informação a fotografia ainda sofre um preconceito em relação a sua utilização como documento histórico. Pois muitos acontecimentos da história humana foram registrados por meio de documentos escritos, o que leva muitos estudiosos a considerarem somente a história escrita como único documento confiável de relato da humanidade. Mas a fotografia merece total respeito e consideração, pois é um meio que traz consigo detalhes que a escrita ou qualquer outro meio não revelaria, mostra por meio de representação da imagem esses acontecimentos, o que em documentos escritos precisamos utilizar de nossa capacidade de imaginação para reproduzir o que está escrito.

A fotografia original como documento histórico repassa várias informações, como relata Kossoy (1989, p. 26).

Uma fotografia original, assim como qualquer documento original, não traz apenas um conteúdo no qual as informações se acham registrada. As informações expressas não existem desvinculadamente de um suporte físico. No caso da fotografia, esse conjunto de informações não existiria sem as condições técnicas (por exemplo, suporte fotossensível e processamento físico-químico e / ou eletrônico específicos) que possibilitam seu respectivo registro.

Ainda segundo Kossoy (1989, p. 49) a fotografia é um objeto de estudo que apresenta informações sobre determinada civilização, conhecimento sobre o material tecnológico utilizado para sua confecção e a visão do fotógrafo sobre determinado contexto. Por isso a fotografia não repassa apenas uma única informação, mais várias informações, que vem a contribuir para os estudos a respeito da mesma e de sua importância como um documento para a história da humanidade.



Para os estudos dirigidos a fotografia ou para estudos que se utilizam desta técnica como recurso histórico, é preciso não cometer um equívoco, com essas duas ações, Kossoy (1989, p.37) salienta, “É obvio que certas imagens significativas para a história do país, realmente únicas e decisivas no registro de um fato histórico, tornam - se, por tal razão, igualmente importantes para a história da fotografia; isto não quer dizer, porém que todas as imagens do passado sejam significantes para a história da fotografia. Estaríamos diante de um equívoco teórico. Não se pode confundir a história da fotografia de um país com a história de um país através da história”.

Sousa (2004, p.18-19, 24) explica que a fotografia assume seu papel de documento e portadora de conteúdo tão importante quanto à escrita, após a publicação do primeiro tabloide fotográfico *Daylle Mirror*, em 1904, na Inglaterra. A modificação de atitudes, como esta no campo fotográfico, faz surgir uma nova profissão; o fotojornalismo moderno nos anos vinte na Alemanha. As primeiras manifestações do fotojornalismo surgiram quando os fotógrafos apontaram sua câmara para um acontecimento fazendo com que a imagem captada torna-se conhecida pela sociedade, e estes testemunhassem o fato ocorrido.

A respeito do fotojornalista, Sousa (2004, p.23) afirma que “O fotojornalista não apenas reporta as notícias, como também as “cria”: as (foto) notícias são um artefato construído por força de mecanismos pessoais, sociais (incluindo econômicos) ideológicos, históricos, culturais e tecnológicos”.

Sousa (2002, p.8 - 9), (2004, p.12 -13) aborda os dois ramos fotográficos: fotodocumentalistas e os fotojornalistas. Os fotojornalistas fotografam assuntos momentâneos, que acabaram de acontecer, que estão “quentes”, enquanto que os fotodocumentalistas fotografam assuntos que estejam relacionados à vida humana e tudo o que a rodeia, trabalham com projetos fotográficos. Geralmente os fotodocumentalistas possuem um tempo maior de preparo, conhecem o tema que será fotografado ao contrário do fotojornalista que raramente sabe exatamente o que vai fotografar, não possui uma pauta para seguir quando chega ao seu local de trabalho, deve ir atrás do fato.

Apesar de a imagem fotográfica possuir informações é preciso conciliá-la a escrita, para uma melhor compreensão do que está sendo proposto por esta imagem. Sobre a questão fotografia e texto, Barthes (1984, p.49) explica:



Como a Fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre *alguma coisa* que é representada) – ao contrário do texto que, pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão -, ela fornece de imediato esses “detalhes” que constituem o próprio material de saber etnológico.

Como anota Sousa (2002, p.9) para auxiliar historicamente, a fotografia deve estar acompanhada da escrita para que saibamos, por exemplo, qual o fato ocorrido, as pessoas envolvidas, a data e o local em que ocorreram, dados relevantes para a reconstrução de uma história. Por exemplo, as fotografias de uma guerra, se não houver texto dando significância, pode ser qualquer guerra e não representações de determinada guerra. Isso também com imagens de pessoas, não sabe quem são o que realizam na sociedade.

Sobre a fotografia Kossoy (2002, p.33) comenta que “a fotografia fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade, trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo”.

Por isso a união entre fotografia e texto só enriquece ainda mais o trabalho, facilita a explicação, assim o leitor não precisa estar imaginando a cena e nem a história, pois muitos detalhes não podem ser percebidos apenas pela visão ótica.

A fotografia foi/é um evento inserido na história humana que não pode ser negado, Kossoy (1989, p.100) propõe que sua utilização “seja por meio de recordação e documentação da vida familiar, seja como meio de informação e divulgação dos fatos, seja como forma de utilização artística, ou mesmo enquanto instrumento de pesquisa científica, a fotografia tem feito parte indissociável da experiência humana”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS DA PESQUISA

Nesta seção, apresentam-se as opções metodológicas e os procedimentos de pesquisa utilizados para o desenvolvimento do estudo, também, o universo da pesquisa, a caracterização dos entrevistados, os instrumentos de coleta de dados e as categorias de análise.

TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa é de natureza descritiva, com a utilização de técnicas de pesquisa quantitativa (questionário semitabulado) e material iconográfico (fotografias). Segundo Richardson (1999), os estudos descritivos propõem-se a investigar o “que é”, ou seja, a descobrir as características de um fenômeno como tal. Nesse sentido, são considerados



como objeto de estudo uma situação específica, um grupo ou um indivíduo. Desse modo, o trabalho de pesquisa deve ser planejado e executado de acordo com as normas requeridas por cada método de investigação.

DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa será realizada na cidade de Joaçaba, estado de Santa Catarina, localizada no Meio-Oeste catarinense, no Vale do Rio do Peixe, a 450 km de Florianópolis.

O município de Joaçaba, região sul do Brasil, localizado no Meio Oeste Catarinense tem seu início após o fim da Guerra do Contestado e da construção da Estrada de Ferro. Bilibio (2000, p.5) salienta que a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul costeava o Rio do Peixe, principal rio da região. A construção da estrada de ferro propiciou o aumento no valor econômico da região, havendo a fundação de várias povoações nas margens do rio. Nestas terras, os povoadores, alguns migrantes, principalmente descendente de alemães e italianos, vindo do Rio Grande do Sul, desenvolveram as indústrias madeireiras, a pecuária, a suinocultura e a agricultura, tendo também a erva - mate, produto típico da região como principal produto. Além de influenciarem na forma de produzir sua subsistência, também influenciaram no aspecto cultural da região.

Queiroz (1967, p.8-9) salienta que um desses povoados, foi o município de Cruzeiro, criado em 25 de agosto de 1917, passando a categoria de cidade, em 1938 com o nome de Cruzeiro, sendo cinco anos mais tarde, em 31 de dezembro a cidade e o município de Cruzeiro passam a denominar-se Joaçaba, palavra derivada da língua Tupi-Guarani, que significa “encruzilhada”, “cruzeiro”, ou “Cruz de Índios”.

Após o fim das disputas territoriais, a região do vale do Rio do Peixe, começa aos poucos sendo colonizada por companhias. Segundo Queiroz (1967, p.13):

A colonização de Joaçaba vinha sendo ensaiada desde 1916, quando o engenheiro Henrique Hacker, de nacionalidade alemã e residente em São Paulo, passando pelo Vale do Rio do peixe, sentiu-se atraído pela excelente qualidade de suas terras e delineou um plano de colonização.

Em 1966 Joaçaba possuía um total de 57 indústrias. Bilibio (2000, p.29) comenta que dentre as indústrias destacavam-se as produtoras de motores, de máquinas agrícolas e indústrias, de pasta mecânica, de turbinas hidráulicas e beneficiamento de



madeiras. Sendo elas: Hidráulica Industrial, Francisco Lindner- Equipamentos Agrícolas, Fundação Joaçaba Ltda, Francisco Lindner S.A., Caetano Branco & Filhos, Máquinas Triton, Adelino Pagliarin e Irmão.

A cidade de Joaçaba, também esta presente no corredor turístico, denominado Rota da amizade, juntamente com os municípios de Videira, Fraiburgo, Tangará, Treze Tílias e Piratuba. Joaçaba é uma terra que merece ser conhecida, seja pela sua história seja pelo seu presente.

Para compor a amostra desta pesquisa, foi selecionada uma amostra aleatória composta por famílias que residem a mais de 20 anos no município. Serão entrevistados os descendentes das famílias colonizadoras da região que residem no município, há mais de 15 anos e que tenham fotografias de familiares em locais que ilustrem cenas do contexto econômico, social, político e cultural relacionados a história de Joaçaba. Também será incorporada na pesquisa a transcrição das entrevistas.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

RESULTADOS PARCIAIS DA PESQUISA

Com a captação das informações e do resgate do material iconográfico sobre o município de Joaçaba que ainda permanecem inibidos do conhecimento social, a sociedade joacabense tomara conhecimento de fatos que ainda não foram sondados em outras pesquisas.

Portanto a fotografia não se resume somente em uma imagem fixa em um papel a qual por meio mecânico pode ser reproduzida em várias cópias, mas ela é um meio de informação relevante, que auxilia em pesquisas nas mais diversas áreas das ciências, demonstra veracidade, mesmo que alguns discordam sobre esse assunto, que determinado assunto, pessoa ou objeto existiu, é prova sobre algo.

Em relação a relevância acadêmica o projeto é uma oportunidade ímpar de trabalhar nas questões direcionadas a área jornalística como agendamento de entrevista, estudo de campo, coleta das fotografia, além de pesquisa com material didático, elaboração do projeto escrito.

A fotografia auxiliada com o texto proporciona uma melhor compreensão sobre o tema, a pesquisa proposta e aqui apresentada, trará esses dois elementos. O projeto “A história de Joaçaba através de retratos de famílias” tem o objetivo de resgatar histórias por meio de material iconográfico, muitos destes ainda não conhecidos pela sociedade



local. Resgatar a história de um povo é de relevância social e porque não afirmar de valor jornalístico.

É interessante trabalhar com esse assunto, pois até mesmos as famílias acabam relembrando de momentos que estavam deslembrados, mas ao reverem as fotografias, pois não é habitualmente que as contemplamos, as emoções voltam a tomar conta de quem a presenciou.

Outro apontamento desta pesquisa é o detalhamento que será dado a ela. Além de conter material descritivo com fundamentação didática, o projeto também conterà relatos que serão transcritos, das famílias residentes neste município sobre as imagens fotográficas utilizadas. Estas conterão informações minudenciadas sobre as pessoas que estão na fotografia, a data, a celebração, para que nenhuma informação fica inibida do conhecimento

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Ansel. **A câmera**. 4. ed. São Paulo: Senac, 2006. 204 p.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. São Paulo: Nova Fronteira, 1984. 185 p.
- BILIBIO, Rogério Augusto; RADIN, José Carlos. **Triticultura em Joaçaba**. Joaçaba, SC: 2000. 44p.
- DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual/Donis A. Dondis; [tradução Jefferson Luiz Camargo]. -2ª edição. – São Paulo: Martins Fontes, 1997. - (Coleção a).
- GAUNT, Leonard. **Fotografia com bom senso**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980. 300 p.
- LEITE, Enio. **A fotografia oferece**. Lisboa, n 32. Super Foto Prática. Disponível em: <<http://www.focusfoto.com.br/a-fotografia-oferece/>>. Acesso em: 9 dez. 2011.
- LOPES, Leandro. Origem da escrita. 2009. Disponível em: Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/historiadaescrita.htm> . Acesso em: 5 dez.2011.
- QUEIROZ, Alexandre Muniz de. (org.). **Álbum Comemorativo do Cinquentenário de Joaçaba**. Joaçaba, 1967.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1999. 221 p.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó, SC: Argos, 2004. 255 p.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo uma introdução à historia, às técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa**. 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>. Acesso em: 5 dez.2011.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989. 110 p.10.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. Cotia -SP: Ateliê, 2002.149 p.